



Ana Ribeiro  
Docente Universidade do Minho

## “Ele o que precisa é de uma auga de unto”: a medicina popular em João Araújo Correia.

*Ciência é o anseio de nós todos pela felicidade de todos.*

*João de Araújo Correia, “Depoimento de João Semana sobre a vida clínica de aldeia”*

### 1. Literatura e uma certa medicina

Quando se abordam as relações entre literatura e medicina, esta é normalmente entendida na sua vertente convencional, científica ou erudita<sup>1</sup>, mesmo que a sua configuração nem sempre tenha correspondido à atual. É sabido que, apesar de o namoro entre ambas ser já de longa data, a medicina

alcançou na literatura da segunda metade do século XIX, sobretudo no romance, uma projeção especial. Por um lado, a orientação positivista e científica do realismo-naturalismo não podia abstrair-se da “ciência positiva por excelência” (Santana, 2007: 55) que era a medicina. Por outro, como salienta Carlos Reis (2006: 24), nesta mesma altura, “o exercício da medicina adquire uma dimensão social alargada, porque tudo, mesmo ela, tende a ser democratizado”. É neste contexto que a atração da literatura pelos temas médicos ganha um novo alor.

Já no século XX, João de Araújo Correia, enquanto ser humano, médico e escritor também não poderia ficar imune quer ao mundo que o rodeava – do qual lhe “provém o cerne de escritor” (2014: 9) –, quer à tradição literária que, em Portugal e no resto da Europa, tinha conferido maior representatividade à medicina convencional. Apontem-se, a título de exemplo, os contos “O doutor Hermenegildo” e “História de uma doente”, incluídos na sua primeira recolha de narrativas ficcionais, *Contos bárbaros* (1939). Curiosamente, é deste mesmo volume que faz parte “Miguel”, o conto donde extraímos o alvitre citado no título. Se acrescentarmos que este tipo de intervenções não é caso único na recolha em causa e muito menos na obra do autor, percebe-se que, apesar de médico, o descendente duricense de João Semana não deixou de contemplar nos seus textos outros

tipos de medicina, designadamente a chamada medicina popular. Mesmo que este tipo de medicina não obtenha, no conjunto da obra do escritor, o protagonismo da medicina erudita, atraiu-nos a sua presença na produção escrita de um médico. Descartando o biografismo à Sainte-Beuve, como entender esta presença na sua obra? Até que ponto escritor e médico se entendem sobre este assunto? Qual a valia literária e ideológica deste elemento? São questões como estas que nos servirão de guia nas páginas que se seguem.

### 2. O conceito de medicina popular

Antes de avançarmos para a pesquisa cujas linhas gerais acabámos de traçar, impõe-se esclarecer o conceito de medicina popular que seguiremos para identificar as suas manifestações na obra de João de Araújo Correia.

Manuel Freitas e Costa (2014: 748), no seu *Dicionário de termos médicos*, define medicina popular como “Medicina doméstica e realizada através de conceitos e conhecimentos adquiridos e transmitidos pela experiência das populações”. Para Fontes e Sanches (1999: 20), ela distancia-se da medicina convencional por ser criada “pelos profanos não profissionais” e por ser transmitida oralmente, o que não deixa de ter a sua relevância, já que a “oralidade traduz mais facilmente certas adaptações locais e certas adaptações específicas à doença” (*ibidem*). Apesar

destes aspetos que distinguem a medicina popular da medicina erudita, Leite de Vasconcelos (2008: 100) inclui o “contacto, em todos os tempos, com a Medicina culta” entre os fatores de que a primeira deriva, o que pode sugerir a existência de vasos comunicantes entre os dois tipos de medicina.

Segundo Fontes e Sanches (1999: 20), a medicina popular abarca os seguintes domínios: “a dietética e produtos vegetais, os rituais, manipulações físicas e o religioso”. Para Leite de Vasconcelos (2008: 100), por sua vez, a medicina popular compõe-se de uma “Medicina prática ou efetiva, e de [uma] Medicina supersticiosa”.

Uma vez que a medicina popular recorre em grande parte a produtos fornecidos pela natureza e dispensa muitas vezes a intervenção de um agente especializado, ela é, em geral, gratuita, traços que a separaram da medicina convencional e das medicinas ditas alternativas, como a acupunctura<sup>2</sup>. Este facto, bem como a dificuldade de aceder a cuidados médicos, sobretudo fora dos grandes centros, e o nível geral de instrução da população contribuem para a popularidade desta medicina que, apesar da sua origem remota, se mantém de boa saúde.

Nos escritos de João de Araújo Correia, este diálogo de “Gente da serra” (1974: 150-151) patenteia exemplarmente

1 A antologia *A carneia que escreve e a que prescreve*, organizada por Clara Crabbé Rocha (2011), é, desde o título, bem significativa a este respeito.

2 De acordo com Fontes e Sanches (1999: 19), as medicinas alternativas ou paralelas diferenciam-se da medicina popular porque na sua origem estão “práticas científicas, que fizeram escola no passado”.

algumas das características da medicina popular que acabámos de apontar:

- Magoei-me com uma vara [num olho]. Criou névoa, mas, estou muito melhor. A névoa, de dia para dia, vai passando. O mel é um grande remédio. Com ele me tenho curado.
- Porque não vai ao especialista?
- Não é preciso. O mel é remédio barato. O especialista custa cem mil réis – fora os remédios.

### 3. Um interesse de sempre

Foi em 1936 que João de Araújo Correia se estreou no mundo da edição com o opúsculo *Linguagem médica popular usada no Alto Douro*. Nele recolheu termos utilizados pelos seus conterráneos para designar doenças, sintomas e partes do corpo. Pode dizer-se que a relação entre povo e medicina começou por cativar o João Semana duriense pelo lado da linguagem<sup>3</sup>. Senivelmente da mesma altura datam, em nosso entender, os primeiros registos do autor sobre medicina popular, pois os textos recolhidos no *Sem método*, título dado à estampa dois anos depois

3 A importância da linguagem na relação médico-doente e no prestígio social de quem tem o poder de curar é notada por Carlos Reis no artigo já citado (2006: 24). Sendo um trabalho de dialetoлогия ou de sociolinguística, o glossário de João de Araújo Correia apresenta, no que respeita à questão da linguagem, vários aspectos interessantes. Por um lado, como que inverte a situação tradicional da incompreensão do médico pelo paciente. Por outro lado, ao registar a linguagem popular, dá visibilidade a um estrato linguístico memorizado e em risco de extinção, mas ao qual é reconhecida dignidade e que, por isso, não deve sucumbir às mãos da homogeneizadora linguagem científica.

do glossário, tinham sido anteriormente publicados na imprensa local. Neste volume, a medicina popular contamina mais textos do que em qualquer outra compilação do autor, assumindo em alguns deles um protagonismo impar no conjunto da sua obra. Embora não se trate de um projeto como o do opúsculo, cremos que esta reincidência deriva das mesmas estratégias e interesses que o contista duriense coloca na origem da sua primeira publicação, isto é, “da observação, da memória e de certo pendor meu para esta ordem de curiosidades” (Correia, 2010a: 7).

Numa obra híbrida como é o *Sem método*, a medicina popular está presente em textos de tipo variado. A clínica exercida pelo autor, como a recolha de vocabulário demonstra, propicia o contacto direto com esta realidade<sup>4</sup>, que assim surge com a chance de uma realidade vivida<sup>5</sup>. Como diz Maria Alzira Seixo (2010: 53), “Terra, experiência e língua são muito provavelmente as três componentes fundamentais de uma formação «in fieri», que se nos transmite ao atentarmos no conjunto da obra”. A experiência profissional do autor é bem visível nos vários relatos breves de visitas a doentes (II, XXXV, XXXVIII)

4 É o escritor quem o afirma na introdução ao opúsculo de 1936: “Quero porém só referir-me, por agora, aos vocábulos e modos de dizer médicos por mim ouvidos ao grosso dos meus fregueses” (2010a: 7).

5 Tal não significa, como é óbvio, que este domínio seja uma coutada dos médicos, mas apenas que, pela sua profissão, eles lidam mais de perto e mais frequentemente com este tipo de saber.

e de consultas (XXXVIII), mesmo que a componente autobiográfica nem sempre seja evidente nestes “retalhos da vida de um médico”. A atividade clínica do autor subjaz também ao fragmento XLIV, texto não ficcional em que João de Araújo Correia aponta os adversários do médico de província. Embora igualmente de inspiração autobiográfica, o texto LXVI constitui uma evocação da infância do escritor, com especial destaque para a escola primária que frequentou em idade precoce. Por fim, e ainda no que diz respeito ao tema de que nos ocupamos, o trecho LIV apresenta-nos um tratamento popular sob a forma de um contarelho. É curioso verificar que os elementos de medicina popular no *Sem método* ocorrem em textos de natureza diversa, com diferentes graus de ficcionalidade. Na

restante obra do autor, mantém-se esta variedade, bem como a oscilação do relevo das terapias populares no universo dos textos.

## 4. A medicina popular através dos textos de João de Araújo Correia

### 4.1. Remédios santos

Não é difícil distribuir as várias referências a elementos da medicina popular na obra do nosso médico-escritor pelos diversos domínios desta área. Assim, e servindo-nos da divisão de Leite de Vasconcelos acima referida, no que diz respeito à medicina prática, a natureza surge como a principal fonte de saúde. Os produtos naturais mais representados são as plantas medicinais:

Muitas destas plantas são utilizadas em chás e cozimentos: “O povo, para

Planta	Propriedade	Texto
Figueira do diabo	Alívio da abafação (asma)	XXXV ( <i>Sem método</i> )
Malva	Emoliente	Sinapismos
Papoula	Emoliente; sedativo	Sinapismos Sua excelência o livro
Azougue	Antissifítico	A doença de meu tio
Loureiro	Antidispéptico; antibrônquítico; antirreumatoide; antimicótico	Elegia dos loureiros
Linhaça (papas)	Antigripal	A primeira mulher
Alecrim	Elimina a caspa	Letras e doutores
Flor de sabugueiro	Combate abcessos dentários e inflamações da garganta	O elemento água na sabedoria popular
Parietária / <i>politária</i>	Desinfetante	O elemento água na sabedoria popular Maldito
Cidreira, valeriana	Tranquilizante	O reinado dos tranquilizantes

os meus lados, suado de trabalho, faz caretas à água. Mas, se adoecer, tolera-a como veículo do unto e ervas medicinais” (Correia, 1972: 57).

A estas ervas mágicas há que acrescentar produtos fornecidos pelo reino animal e mineral.

Para além dos recursos naturais, são também benéficos para a saúde alguns alimentos e bebidas criados pelo Homem. Neste quadro, abundam os produtos vínicos, o que decorre talvez do facto de o autor ser natural da mais antiga região demarcada do mundo. Na defesa do mais afamado vinho aqui

Produtos fornecidos pelo reino animal e mineral:

Produto	Propriedade	Texto
Ovos crus	Fortificante	As velhas são o diabo
Enxúndia de galinha	Analgésico	O amigo do povo
Mel	Anti-infeccioso	Gente da serra
Água	Digestivo (figos)	O elemento água na sabedoria popular

Alimentos e bebidas criados pelo Homem:

Produto	Propriedade	Texto
Pão duro	Mais nutritivo do que o pão fresco	O Católico
Vinagre quente	Elimina piolhos e lêndreas	Manuel do Mundo
Vinho	Digestivo (peras, melão); revigorante	O elemento água na sabedoria popular O vidro moído O último quartel
Aguardente	Digestivo	O capote do tio Gaió
Aguardente fina	Desinfetante; diaforético	O soba de Matómedes Regresso a Vila Real XXXVIII (Sem método)
Água de unto	Diaforético (provoca exsudação; contra as febres)	Miguel O elemento água na sabedoria popular

produzido, o vinho do Porto, João de Araujo Correia não deixa de assinalar as virtudes medicinais do generoso néctar:

Tive medo de arrefecer. Fui a um café pedir um cálice de Porto, que não há melhor remédio para prevenir um resfriado. (Correia, 1955: 136)

O vinho do Porto, sendo muito velho, é inocente bebido a horas próprias, isto é, propícias. Faz bem a quem o sabe beber. (*idem*: 138)

#### 4.2. “Enquanto há saúde, quedos estão os santos”

Como tornam claro as classificações de práticas médicas populares indicadas no segundo capítulo, não é apenas no mundo físico que o Homem procura alívio para os seus males, invocando também o auxílio do sobrenatural.

A existência de uma Nossa Senhora dos Remédios é bem ilustrativa da crença nos poderes salvíficos das entidades divinas. A designação “Medicina supersticiosa” utilizada por Leite de Vasconcelos parece-nos mais adequada para designar as práticas que recorrem ao sobrenatural profano, deixando de fora aquelas que evocam

o sobrenatural religioso, de presença bem arreigada entre os fiéis que acorrem a romarias como a da Nossa Senhora da Serra (Correia, 1974: 102; 1998: 88) ou da Santa Cabeça (Correia, 2010b: 91), assim como entre aqueles que participam em rituais como a Encomendação das almas (Correia, 2010b: 18).

Entre os santos evocados, há alguns com especial relevância na região durienne e zonas limítrofes, onde possuem um santuário a eles dedicado. É o caso de Santa Eufémia, do Heitorzinho, de Nossa Senhora dos Remédios, de Nossa Senhora da Serra, de Nossa Senhora da Azinheira e mesmo da Santa Cabeça<sup>6</sup>. A sua presença na escrita de Os santos festejados ou evocados em rituais tem cada qual a sua especialidade médica, seja física ou espiritual:

Santo	Especialidade	Texto
S. Vicente	Bexigas (variola)	II (Sem método)
S. Cosme	Maleitas	II (Sem método)
Sra. Eufémia	Males desconhecidos / ruínas	II, XLIV (Sem método) O poço da Lameira
Sra. da Azinheira	Sarna e cativeira	II (Sem método)
Sra. Cabeça	Loucura; raiva	LXVI (Sem método)
Sro. Ovídio	Ouvidos	XLIV (Sem método)
Sra. Luzia	Olhos	XLIV (Sem método)
S. Brás	Garganta	XLIV (Sem método)
(Heitorzinho); N. Sra dos Remédios	Curas milagrosas (paralisia; febre persistente); casos perdidos	O penitente <i>Voxx populi</i>
N. Sra da Serra	Cravos (verrugas)	Marão à vista

<sup>6</sup> Acharmos que, apesar de ser apenas parte de um crânio, a Santa Cabeça não poderia ser excluída deste grupo, já que também ela possui o seu centro de culto na mesma zona (em Constantim, perto de Vila Real), e pelos poderes que lhe são atribuídos.

João de Araújo Correia, para além de conferir cor local ao narrado, mostra bem o compromisso do autor com o mundo onde nasceu.

O sobrenatural religioso comporta ainda os exorcismos, tratamento a que recorre a patroa do Carolino, no conto “Uma cabeçada”, na tentativa de curar o rapaz do mal da gota (epilepsia).

Tal como o exorcismo, também o defumadoiro se destina a libertar o doente de demónios. No entanto, devido aos agentes envolvidos e aos seus procedimentos (queima de alecrim, litanias pronunciada), colocamos esta prática no domínio do sobrenatural profano. Este encontra-se pouco representado na escrita de João de Araújo Correia.

Apenas no trecho II de *Sem método* o paciente confessa ao médico ter sido defumado: “\_ Para contar tudo ao senhor, cheguei a casa, tal dia, pedi à mulher me defumasse – que nós, os pobres, costumamos defumar-nos. Deitei-me...” (2010b: 17). De resto, o autor menciona este mesmo ritual, em tom humorístico, no final da crónica “O poeta dos simples” (1955: 32) e utiliza-o como metáfora de esconjuro de más influências nas últimas linhas da crónica “O pórtico da Régua” (1974: 24).

Para além do defumadoiro, incluímos também nesta categoria uma prática que Leite de Vasconcelos (1996: 171) localizou no Douro e que consiste na destruição da silva em que alguém se picou, acreditando que a dor e o inchaço daí resultantes desaparecem

quando se elimina a sua causadora. É a este procedimento “resultante da analogia ou magia imitativa, por muitos autores chamada *simpática*” (*ibidem*), que recorre a diligente criadinha do trecho LIV do *Sem método* para aliviar a patroa de uma infeção causada pelo pico de uma roseira, convencida de que “Cortar as roseiras é cortar o mal” (Correia, 2010b: 73).

#### 4.3. Venenos

A medicina popular não se reduziu a procedimentos e práticas que ajudam a recuperar a saúde. Ela também identifica inimigos da vida. O conto “O vidro moído” (Correia, 1980: 133), por exemplo, tem como ponto de partida a crença generalizada na nocividade deste produto.

Aos olhos do povo, também a água nem sempre “cria bons corpos”. Os provérbios “Dos quarenta para riba, pouca água na barriga” (1972: 55) e “Água fria, sarna cria; água roxa, sarna escocha” (*idem*: 56), reproduzidos na conferência “O elemento água na sabedoria popular”, traduzem a desconfiança do povo em relação à “salute per l’acqua”. A resistência que o médico do conto “O amigo do povo” (Correia, 2005: 45) encontra ao banho de água fria para tratar a febre tifóide reflete este mesmo preconceito. No fragmento IX do *Sem método* (Correia, 2010b: 23), um “sapateiro filósofo” de uma aldeia que o narrador visitou revelou-lhe outras contraindicações deste líquido: “Aprende di que a água pode influir no moral

dos povos, tanto como pode produzir obstrução e escalar touços”.

Por fim, também a leitura é comumente considerada pouco saudável: “Corre, por entre o nosso povo, muito preconceito contra a letra de forma. *Puxar pelas memórias*, com semelhante corda, não há nada pior para a saúde. *Estar a ler* é o mesmo que estar na Lua, não dizer coisa com coisa a respeito das coisas deste mundo” (1968: 193. Itálico no original).

Nenhum destes venenos é assim tão perigoso. A sabedoria popular nem sempre acerta nas suas diabolizações, como veremos adiante.

#### 4.4. Pacientes e “curgidosos”

À semelhança do que sucede no já citado fragmento de “Gente da serra”, são frequentes na obra de João de Araújo Correia passagens que ilustram uma situação de autoterapia praticada por um homem do povo pertencente ao mundo rural:

O arrieiro sua. Parece-me mais empinado o seu esterno. Sofre de abafação.

– O meu bronquite cá o trato com figueira do diabo. É no que me vingoi! (Correia, 2010b: 49)

– A aguardente, dizia [o tio Gaio], sempre fez bó estômago” (Correia, 1985: 75)

Nos casos de heteroterapia, agente e paciente partilham esta mesma origem: – Quem é aqui a parteira?

Uma velha encolheu-se toda dentro do chale.

– Sou eu, senhor... Uma curgidosa. (Correia, 2010b: 52)

Se perguntassem pelo senhor doutor para uma pressa, doente afito com uma cólica, dizia um velho hortelão, que passava pelo quinteiro a sua decrepitude: – Está a cozê-la... Primeiro que a esca-lhe me doerá a cabeça. O doente que vá untando a barriga com enxúndia. Pode ser que lhe passe... (Correia, 2005: 44)

A linguagem colocada na boca das personagens nestes e noutros excertos, tanto de contos como de crónicas, é bem reveladora quanto à origem daquelas. A preferência pelo discurso direto, seja nos contos ou nas narrativas autobiográficas, confere a estas passagens maior vivacidade e credibilidade do ponto de vista do mundo representado. É porque o narrador surge como uma espécie de secretário do que se passa à sua volta que o fragmento II de *Sem método* nos oferece um interessante apontamento etnográfico sobre a cerimónia da “Encomendação das almas”:

«Mais vos peço, irmãos, e outro Padre-Nosso com oitra Ave-Maria em louvor do miلاغroso S. Vicente, que nos livre do mal das bexigas, seja pelo divino amor de Deus!»

(...)

«Mais vos peço, irmãos, oitro P. N. com uma A. M. em louvor do miلاغroso S. Cosme, que nos livre do mal das maleitais, seja pelo divino amor de Deus!» Não pude dormir. A cama era boa e quente, o quarto asseado. Voz e sino extintos, juro que ainda ouvia:

– «Santa Eufêmia, que nos livre de males desconhecidos...»

– «Senhora da Azinheira, que nos livre de sarra e cativeira». (Correia, 2010b: 18)

Nesta mesma obra, o trecho XXXVII, narrado de forma mais distanciada por um narrador heterodiegético, é constituído por uma sequência de instantâneos nos quais o narrador pouco não intervém, o que confere ao texto rapidez e uma tonalidade dramática, fazendo do leitor quase um espectador do episódio:

– Lérias oiço eu muitas, minha comadre! Enchi-me de lhe puxar... Mais depressa se desprega uma cavilha. A Zefa é muito estreita, minha comadre.

– Vocemecê tem muita prática. De doze que tive, não quis outra à minha beira senão vocemecê.

– Em boa hora o diga, comadrinha.

– Salvo seja! Agora só se for o Anti-Cristo! Sebastiana respingou a blusa alegre com uma risadinha.

– Calai-de-vos que êle aí vem...

E embrulharam-se nos chales. (Correia, 2010b: 52-53)

Pela professora primária que o narrador evoca ternamente no fragmento LXVI do *Sem método* percebe-se que a medicina popular, em meio rural, não é exclusivo de pessoas sem instrução:

Na aldeia endoideceu uma mulher. Procurava poços e tanques para se afogar.

O povo garantia que estava danada e via na água a figura dum cão. A Senhora Mestra, assustada como zagalá que sente os rafeiros tristes, obrigou-nos a

rezar a coroa completa, não fôssemos nós mordidos pela desgraçada. No fim da reza, ainda trêmula, prometeu levar-nos à Santa Cabeça, em romaria, se fosse contagiado o seu ranquinho inocente. (Correia, 2010b: 91)

O protagonista do conto “Monomania”, em *Três meses de inferno*, embora satisfeito devido à sua obsessão, é outro professor cuja educação não o fez perder a fé em poções mágicas:

O mestre-escola daquela aldeia serrana era um velhote meio derreado e meio surdo. Sofria muito das cruzes, principalmente nas luas, e imaginava que todo esse mal, assim como outros que às vezes inventava, provinham da acumulação de humores ruins no organismo. Para os eliminar, purgava-se todas as semanas e bebia chás medicinais todos os dias. (Correia, 1983: 75)

Mais do que populares, poder-se-á dizer que estas práticas são práticas popularizadas que têm seguidores em vários escalões sociais, independentemente do nível cultural. Elas persistem como um substrato de um passado rural.

A medicina popular também não é privativa de um determinado nível etário, pois se há praticantes idosos como o monomaniaco que acabámos de referir ou o hortelão de “O amigo do povo”, é uma “criadinha de dez anos” (Correia, 2010b: 73) que corta as roseiras para curar a patroa, D. Perpétua, da infeção provocada pelo pico de uma delas. Ao contrário da medicina convencional,

este é um saber que circula em sociedade, acessível a qualquer membro da comunidade, mesmo aos mais jovens. A natureza informal da sua transmissão facilita a sua sobrevivência.

A menina de dez anos, a professora primária ou a parteira são alguns dos exemplos de mulheres cuidadoras, mais numerosas nesta função do que as personagens masculinas. Para a esposa do Sanches, no conto “A primeira mulher”, esta é, aliás, uma tarefa decididamente feminina: “Coitado! Não tinha quem lhe fizesse umas papas e lhe chegasse um caldo. Apesar de rico, faltava-lhe o melhor, que é o carinho de uma mulher em caso de doença” (Correia, 1941: 65). Por isso ela não perde tempo a arranjar uma companhia para o desvalido amigo do marido. Se o narrador não tivesse já definido esta personagem como uma “matrona activa e muito esperta” (*idem*: 64), não teríamos razões para desconfiar das boas intenções da caritativa senhora. De facto, tanto nas crónicas como nos contos, a prática de medicina popular contribui para caracterizar as personagens. A criada da D. Perpétua e a professora devota da Santa Cabeça são seres altruístas, preocupados com o bem-estar de quem as rodeia. A segunda, que também põe os seus pupilos a rezar, dá assim mostras da sua natureza devota. Em “As velhas são o diabo”, o cuidado da senhora Aninhas com a saúde do jovem marido revela-se através da particular atenção que dedica à

dieta do esposo: “Sabendo-o, de com-pleição delicada, alimentava-o a pre-ceito com ovinhos crus, furados com uma navalhinha. Obrigava-o a bebê-lo assim, que era, na opinião dela, como faziam melhor” (Correia, 1985: 157). O seu desvelo faz lembrar o da mãe do escritor que, recendo que o filho de cinco anos adoecesse por causa da chuva que apanhou no regresso da sua primeira visita a Vila Real, friccionou-o preventivamente com aguardente fina (cf. Correia, 1968: 189). O zelo destas mulheres contrasta com o desaforo do Gregório do conto “Vidro moído”. Este feito, aparentemente interessado em prolongar a vida do patrão, pretende afinal matá-lo servindo-se do vinho, bebida que a sabedoria popular, considerada, ironicamente, “a mulaeta dos velhos” (Correia, 1968: 152; 1980: 135). Para além do bem-estar dos familiares, o recurso a mezinhas pode também reflectir o gosto pelo asseio entre pessoas de poucas posses, como sucede no conto “Manuel do Mundo”, em *Montes pintados*: “– É uma vergonha, para mim e para a tua irmã, que te conheçam lândeas. Aquece aí vinagre, rapariga, para se matarem” (Correia, 2005: 112). Situação inversa é a do soba de Mafoímedes, rico e viajado, mas que, preso a preconceitos ancestrais, prefere morrer de surto do que de “zipelã”: “– Há cinquenta anos que não me lavo por causa da zipela. Passo às vezes [sic] pela cara a ponta de uma toalha molhada em aguardente” (Correia, 1941: 182).

A medicina popular, em qualquer uma das suas vertentes, tem também os seus agentes específicos, vulgarmente chamados curandeiros. O relevo do curandeiro na estrutura social duriense está bem patente nesta passagem sobre o recheio do então [1938] futuro Museu do Douro: “Quem quisesse podia cumprimentar o curandeiro importante, montado no seu cavalo, com a arte num bolso e a lanceta noutra, pronta a jarretar leicções ou pústulas malignas” (Correia, 2010b: 87). Alguns anos mais tarde, numa crónica intitulada precisamente “Curandeiros” (Correia, 1983: 113-115), João de Araújo Correia faz uma ácida radiografia de diversos curandeiros famosos na sua zona, detendo-se sobre a aparência destas personagens, o seu *modus operandi* doloso e a especialidade de cada um. A quantidade de “entendidos” identificados por João de Araújo Correia neste artigo (o Benjamim, o Albinho, o Santa-Bárbara, o Pires, o Cabral, a dupla Raposo e Pederneira, o misterioso feiticeiro de Ermesinde, o Afonso e uma benzedeira) é um sinal da vitalidade da “profissão” e do seu peso social. Note-se ainda que o grupo nomeado é constituído quase exclusivamente por homens, pelo que o representante da “classe” no museu teria igualmente que pertencer a este género. Acrescente-se já agora o facto de que “Todos vivem bem, excepto a mulher que *passa*” (*idem*: 115). Tal parece sugerir que as mulheres teriam

a seu cargo sobretudo o tratamento de doenças do espírito, bem menos rentáveis do que as doenças do corpo (ossos, olhos, ouvidos, “bichas”), especialidade predominantemente masculina.

No entendimento popular, o endriteira, como qualquer curandeiro, faz aquilo que o médico não tem competência para fazer:

– Menina, isso é osso partido...

– Já fui ao senhor doutor. Disse-me que não.

– Ah! O médico não compõe ossos. Vai a Sergude. Há lá um endriteira de mãos abençoadas. (Correia, 2010b: 64)

Além dos ossos, para o povo, também “Zipela, bicho, cobra, quebranto, ar e outros males, como se sabe, não são doenças de médico. Para isso há benzedores e benzedoras” (Correia: 1983: 65. Itálico no original). Alguns destes têm igualmente a seu cargo o tratamento de misteriosas enfermidades: “Uma vizinha minha é entendida em *passar*. Passa um homem na perfeição se ele estiver *aberto*. Azanga-o, murmurando ensalmos. Então o *aberto*, uma vez ensalmado, roçado pelas saias, fecha” (*ibidem*. Itálico do autor). O tom paródico desta passagem serve claramente uma intenção crítica.

A parteira é outra “profissional” da saúde com uma área de atuação bem definida. No trecho XXXVII do *Sem método* e no “Conto do Natal”, este papel compete a mulheres idosas e experientes que acumulam a sua tarefa com outras funções nem sempre

edificantes: batizar o nascituro, no primeiro caso, ou abandoná-lo à sua sorte, no segundo.

### 5. Medicina popular: sim e não

Tanto nas crónicas, como nos contos, João de Araújo Correia não se limita a apontar este ou aquele produto/procedimento ou a evocar determinado mezinheiro. Em alguns casos, é-nos também revelado o resultado da terapia utilizada. Por vezes, esta é também comentada.

No fragmento XXXV do *Sem método*, por exemplo, o narrador é omissivo quanto aos efeitos do tratamento adotado:

O arrieiro sua. Parece-me mais empinado o seu esterno. Sofre de abafação.

– O meu bronquite cá o trato com figueira do diabo. É no que me vingoi O arrieiro descobre-se.

– Nestas alminhas matou um afillhado o padrinho.

– Porquê?

– Alevies. (Correia, 2010b: 49)

Repare-se que, embora atento aos sintomas exibidos pelo seu guia, ele não se pronuncia sobre a autoterapia utilizada pelo arrieiro. O mesmo mutismo é extensivo ao narrador do conto “O penitente”: A afirmação da irmã do miraculado, segundo a qual “O milagre de ele andar foi tão certo como haver no céu um Deus que nos governa” (Correia, 1941: 80), não provoca qualquer reação no seu ouvinte. Parece que ele pretende apenas recolher o testemunho da rapariga. Em “A doença de meu

tio”, o narrador atribui a recuperação do tio do chamado “mal francês” a “Azougue e mais azougue, iodeto mais iodeto” (Correia, 1985: 103). Neste relato em segunda mão, nenhum comentário do narrador ajuda a esclarecer qual foi o verdadeiro responsável pela cura do doente.

Nem sempre, porém, as terapias domésticas utilizadas surtem efeito. A presença do médico no fragmento II do *Sem método* e nos contos “Miguel” e “A primeira mulher” indicia o fracasso ou a insuficiência das terapias caseiras experimentadas, designadamente, o defumadouro, a água de unto e as papas de linhaça. No conto “Maldito”, insinuam-se igualmente as limitações das receitas populares. Enquanto para o médico mais velho a única solução para o entrevado era “pôr as pernas ao ar, que o ar faz bem, e lavá-las com poltária, que não custa dinheiro” (Correia, 1980: 105), o médico mais novo “Tanto fez, tanto fez (...) que deu àquele mártir duas pernas novas” (*idem*: 105-106). Já no conto “Uma cabeça”, é o narrador que deixa bem clara a ineficácia do recurso ao sobrenatural no tratamento da epilepsia: “A Senhora era amiga dele [o Carolino]. Mandara até rogar o Padre Feio para lhe ler os exorcismos. O padre viera, feio no nome e na propriedade, e bem latim soltou pela bocarra fora, mas, pouco ou nada adiantou. É verdade que os ataques lhe iam dando menos, mas, isso a troco de calmantes que o Dr. Hermenegildo receitara. (Correia, 2014: 54). Na crónica

"O último quartel", é mesmo louvado "o progresso da Medicina, graças ao qual a mortalidade e a vida se prolongam" (1968: 153).

Para além de tratamentos caseiros infelizes, há também crenças populares infundadas. O médico de "O amigo do povo", para salvar vítimas de uma epidemia de febre tifóide, tem que enfrentar o preconceito popular contra os banhos de água fria<sup>7</sup> e a água fervida (Correia, 2005: 45). Na conferência sobre "O elemento água na sabedoria popular", o autor, depois de recordar o ríflão popular que aconselha "Dos quarenta para riba, pouca água na barriga", discorre:

Se fosse judicioso este conselho, onde estaria o Sr. Churchill? Dizem que toma três banhos por dia e, de mais a mais, com água a escachoar. (...)

Molham a barriga diariamente, com água fria ou a ferver, anciãos de alta categoria e anciãos obscuros. (...)

(...) O que me leva a concluir, contra o parecer popular, que água na barriga, dos quarenta para riba... (Correia, 1972: 55-56)

No entanto, na mesma conferência, o autor não deixa de reconhecer também que "o povo é hipocrático" (*idem*: 48), pois outros provérbios que aconselham

7 Segundo o "Depoimento de João Semana sobre a vida clínica da aldeia", a resistência ao banho é generalizada no mundo extra-funcional e não é a temperatura da água a responsável: "É por superstição que o povo não se lava, porque... cada lavadeira, sua cavadeira. O banho de imersão deve corresponder à cova aberta com sete palmos de fundo" (1972: 21).

ou proibem a água têm uma explicação científica. Assim, "água ao figo e à pèra vinho" porque "O figo quer água para atenuar, tornando-se inofensivo, a concentração do açúcar e aumentar, por hidratação, o poder laxativo das suas sementes e da sua polpa. (...) Já a pèra, fria e indigesta, pede ao vinho calor e outros estímulos de digestão. *Por cima de pèras, vinho bebado; por cima de melão, vinho de tostão*. Melão e pèras competem em cruzeza" (*ibidem*).

Há outras terapias populares que merecem o aval de João de Araújo Correia. A elas se refere o escritor em crónicas suas, nas quais coloca os seus conhecimentos ao serviço dos leitores. Alguns destes tratamentos domésticos podem mesmo substituir o medicamento químico em que o Homem, cada vez mais longe da Natureza, se refugia: "De ontem para hoje, cavou-se um abismo em que [o loureiro] se perdeu. Se ontem curava, hoje não cura. Só é terapêutica o remédio sintético. Fora da natureza, o homem, que é seu filho, encontra a bênção que sua mãe lhe nega" (1968: 179). Apenas para grandes males é que são necessários grandes remédios: "Para casos especiais [de doenças mentais] é que se criaram os tranquilizantes. Para casos vulgares, bastará recorrer ao chá de cidreira, à velha valeriana e ao velho brometo – uma pitada" (1969: 30). Os adjetivos "velha" e "velho" são bem loquazes quanto à longevidade de uma prática doméstica cujo sucesso é confirmado pela experiência.

É precisamente porque só certas doenças é que exigem certos medicamentos que João de Araújo Correia lamenta em particular a vulgarização dos antibióticos, como se antecipasse o perigo que atualmente representam as bactérias multirresistentes<sup>8</sup>:

O povo, para os meus lados, suado de trabalho, faz caretas à água. Mas, se adocece, tolera-a como veículo do unto e ervas medicinais. Usa, ainda hoje, como diafórico, nas constipações, a água de unto, que vem a ser um caldo de unto aromatizado com hortelã. Contra abscessos dentários e inflamações de garganta, usa, cheio de fé, a água de flor de sabugueiro. Assim como lava as feridas com água de *polivária* – nome por que é conhecido, na região o infuso de *parietária*.

Estas práticas vão-se perdendo, à medida que os antibióticos aparecem nas tendas e se vendem como o feijão, o arroz e o açúcar. (1972: 56-57. Itálico no original)

Além disso, como o último parágrafo citado deixa entrever, estas terapias são vestígios de um passado que não se pode deixar desaparecer. Vejamos, a propósito, os pensamentos do narrador de "Gente da serra" depois de ouvir as

8 *O lead* de uma reportagem há pouco publicada na revista *Visão* é bem claro quanto à dimensão deste problema: "Não têm cérebro, são invisíveis a olho nu, mas ameaçam a humanidade. As infeções causadas por bactérias resistentes matam 12 pessoas por dia em Portugal – nove meses mais do que os acidentes de viação. Numa reunião quase inédita na história das Nações Unidas, todos os estados-membros se comprometeram, na semana passada, a combater a proliferação da resistência aos antibióticos" (Sá, 2016: 36)

desenvoltas respostas do homem que se tratava com mel: "O mel, aplicado na vista como remédio santo. A dois passos do mundo actual, vi-me noutra mundo, nuns restos de mundo velho guardados num relicário. Mas, até quando?" (1974:150-151). Mesmo que o seu valor medicinal seja questionável, muitos destes tratamentos caseiros possuem pelo menos valia etnográfica. Transcendem por isso o domínio médico e ajudam a conhecer melhor uma região e quem a habita. É isto que justifica, em nosso entender, a evocação nostálgica da devoção da professora primária pela Santa Cabeça no fragmento LXVI do *Sem método*, ou, ainda no mesmo livro, a história da criadilha que cortou as roseiras para curar a infeção provocada por um pico na patroa. Formado em medicina, nem por isso João de Araújo Correia condenou outras "artes de curar". Desde que resultassem e não pusessem em risco a vida do seu semelhante, nada teriam de reprovável. Além disso, não as encara apenas do ponto de vista médico. Benignas ou nocivas, estas terapias transmitidas de geração em geração fazem parte do património cultural de uma comunidade, sendo por isso um elemento constitutivo da sua identidade.

9 É por isso que, ao comentar o provérbio "Quem tem vida, a água fria lhe é mezinha", reconhece: "Quem lida com doentes, sabe que muitos deles, com um dia de dieta hídrica, ficariam sãos como peiros. Se o médico receita, é por obediência à Liturgia. Somos ofiçantes..." (Correia, 1972: 49).

## 6. Conclusão

Enquanto criação do povo, a medicina popular não podia deixar de cativar João de Araújo Correia, autor que, na linha do romantismo, via no povo o representante da essência de uma nação, sendo por isso sinónimo de autenticidade.

De presença bem marcada numa das suas primeiras publicações, *Sem método*, a medicina popular é transversal a toda a sua obra, embora nem sempre com o mesmo grau de representatividade. A sua presença reflete o enraizamento rural da obra do autor, contribuindo para um retrato poderoso do campo. Na ficção, embora não surja nunca como núcleo da ação, contribui, por isso, para a contextualização do enredo e para a caracterização das personagens.

Os diversos remédios e práticas recensados nas crónicas, contos e na conferência “O elemento água na sabedoria popular” ilustram os vários ramos da arte popular de curar, da qual nos surge, assim, uma representação bastante completa. Do lado de quem a pratica, é nítido que ela não é exclusiva de uma determinada faixa etária nem classe social. No que diz respeito ao género, se a um nível informal e meramente doméstico, parece que é sobretudo à mulher que compete a aplicação dos saberes ancestrais na cura dos seus familiares, quando passamos ao domínio “profissional”, são sobretudo homens que surgem como

curandeiros. Sem qualquer formação médica, exploram a ignorância alheia e não têm respeito pela vida humana.

João de Araújo Correia, apesar de médico, não é um defensor acérrimo da medicina convencional nem um inimigo declarado da medicina popular. Como noutros assuntos, defende o equilíbrio. Veja-se o que diz, por exemplo, a respeito das virtudes terapêuticas dos romances de Júlio Dinis: “Disparate é ser extremista numa hora que permite a conciliação. Nem tanto ao mar da botica, nem tanto à terra da psicoterapia bebida num belo livro” (Correia, 1972: 132). Recorde-se ainda que é pelo excesso da sua dedicação a chás e purgas que o mestre-escola de “Monomania” é risível.

É sobretudo nas crónicas, de vocação didática e interventiva, que colhemos o pensamento do nosso médico-escritor sobre esta matéria. Percebemos que se há terapias caseiras de eficácia comprovada e com fundamento científico, outras há completamente ilógicas e até perniciosas. A medicina popular, neste caso, para além de falhar o seu propósito, pode também dificultar a intervenção do médico, como sucede no conto “O amigo do povo”.

A reconhecida validade de certas práticas curativas legadas pela tradição não torna a medicina acessória, pois há doenças que só a ela obedecem. O autor considera, no entanto, que onde o remédio caseiro for suficiente, não se deve intrrometer o medicamento

de laboratório. Entende que, ao substituir produtos naturais por químicos com idênticas propriedades, o Homem se transforma numa espécie de Fausto. A invasão da ciência conduz ao ocaso dum mundo em que o Homem respeitava a natureza. Esta questão desaguava, assim, em dois temas caros a João de Araújo Correia: o Homem como parte da natureza e o conflito entre tradição e modernidade, sendo o autor apologistas da conjugação harmoniosa das duas. Contrariamente ao João Semana dinisino, o escritor durienense não “era um céptico em relação à ciência moderna” (Dinis, 1979: 86). Não se pode dizer, porém, que ele fosse um afeiçoado acrítico do progresso científico. Mais uma vez, sobressai a sua natureza moderada.

A visão integradora de Araújo Correia sobre esta questão contempla ainda uma vertente cultural. Os tratamentos vulgarizados no seio de uma comunidade, de origem remota, transcendem o domínio médico. Fornecem elementos essenciais para conhecer a relação do Homem com o meio, com o corpo, com a morte, com o desconhecido, com o sobrenatural. Independentemente da sua eficácia médica, merecem, por isso, ser recordados. Além disso, há rituais que não devem desaparecer porque estão cheios de poesia, ilustram o sentir popular e possuem valor etnográfico. A vida é um bem precioso. A cultura de um povo não o é menos, pois ela é um elemento identitário imprescindível.

Em última análise, os lúcidos apontamentos esparsos do autor de *Manta de farrapos* sobre a medicina popular transmontano-duriense mostram-nos que a saúde e a preservação da espécie humana, pela sua complexidade, abrangem várias áreas e não dependem apenas da ciência. Urge por isso não desperdiçar este património cultural único e cheio de ensinamentos. João de Araújo Correia, como sempre, deixou-nos o seu alerta e o seu exemplo.

### Referências Bibliográficas

- Correia, João de Araújo (2014[1939]). *Contos bárbaros*. Lisboa, Âncora
- Correia, João de Araújo (2010a[1936]). *Linguagem médica popular usada no Alco Douro*. Vila Real, Grémio Literário Vila-Realense/Câmara Municipal de Vila Real (edição facsimilada da Separata de *Boletim dos Hospitais da Santa Casa da Misericórdia*, 2.ª série, Vol. 1, n.º 5)
- Correia, João de Araújo (2010b[1938]). *Sem método. Notas sertanejas*. Porto, Modo de Ler
- Correia, João de Araújo (2005[1964]). *Montes pintados*, 3.ª ed., Peso da Régua. Imprensa do Douro/Caves Santa Marta
- Correia, João de Araújo (1998[1977]). *Pátria pequena*, 2.ª ed., Peso da Régua. Imprensa do Douro/Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Peso da Régua
- Correia, João de Araújo (1985[1946]). *Terra ingrata*, 3.ª ed., Lisboa, Editorial Estampa
- Correia, João de Araújo (1983[1947]). *Três meses de Inferno*, 2.ª ed., Lisboa, Editorial Estampa
- Correia, João de Araújo (1980). *Outro mundo*. Porto, Brasília Editora
- Correia, João de Araújo (1974). *Pó levantado*. Peso da Régua. Imprensa do Douro



- Correia, João de Araújo Correia (1972), *Palavras fora da boca*, Peso da Régua, Imprensa do Douro
- Correia, João de Araújo Correia (1969), *Ecoss do país*, Peso da Régua, Imprensa do Douro
- Correia, João de Araújo Correia (1968), *Horas mortas*, Peso da Régua, Imprensa do Douro
- Correia, João de Araújo (1955), *Cartas da montanha*, Peso da Régua, Imprensa do Douro
- Correia, João de Araújo (1941), *Contos durientes*, Peso da Régua, Imprensa do Douro
- Costa, Manuel Freitas e (2014), *Dicionário de termos médicos*, Porto, Porto Editora
- Dinis, Júlio (1979), *Obras completas de Júlio Dinis. As pupilas do Senhor Reitor*, Vol. IX, 2.ª ed., Lisboa, Circulo de Leitores
- Fontes, António Lourenço e Sanches, José Gomes (1999), *Medicina popular. Ensaio de antropologia médica*, 2.ª ed., Lisboa, Âncora
- Leite de Vasconcelos, José (2008 [1925]), *Medicina dos lusitanos*, Lisboa, Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos (Edição aumentada. Introdução de Maria do Sameiro Barros)
- Leite de Vasconcelos, José (1996), *Signum salomonis. A figa. A barba em Portugal. Estudos de etnografia comparativa*, Lisboa, D. Quixote (prefácio de João Leal)
- Reis, Carlos (2006), "Nada de sustos: representações literárias da ciência e da medicina" in Pereira, Ana Leonor e Pita, João Rui (coord.), *Miguel Bombarda e as singularidades de uma época (1851-1910)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 23-39
- Rocha, Clara Crabbé (2011) (org.), *A carne que escreve e a que prescreve. Doença e medicina na literatura portuguesa*, Lisboa, Verbo
- Sá, Sara (2016), "Bactérias: estamos a perder a guerra" in *Visão*, n.º 1230 (de 25/9 a 5/10), pp. 36-43
- Santana, Maria Helena (2007), *Literatura e ciência na ficção do século XIX: A narrativa naturalista e pós-naturalista portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda
- Seixo, Maria Alzira (2010), "A palavra fecundante" in AAVV, *In memoriam de João de Araújo Correia*, Coleção Tellus, n.º 21, Vila Real, Grémio Literário Vila-Realense/Câmara Municipal de Vila Real, pp. 52-56